

O SUJEITO FALANTE: UM MOSAICO POLIFÔNICO

Maria Eulália Sobral TOSCANO (UFPA -USP)

Abstract: The purpose of this article is to make explicit some of the discourse strategies people use in order to build up the image they would like to be joint to them. Besides, it aims to show that this image is constructed in the confluence of the various voices of which discourse is compounded. The analysis is based on Bakhtin's conception of language which highlights the dialogic nature of language and the polyphonic character of the utterances. It is a perspective that points to a text theory anchored in the field of the social relationships and has as its central basis the idea of interaction.

Introdução

Este artigo propõe-se, a partir de um extrato de conversação, a explicitar algumas das estratégias discursivas de que se valem os interlocutores, ao longo da interação, para (re)construir a sua imagem. Propõe-se ainda a demonstrar que essa imagem se erige na confluência das diversas vozes que compõem o discurso, que é individual, por ser expressão de uma individualidade, e plural, por ecoar outros discursos.

O *corpus* deste trabalho foi extraído do inquérito nº 255 (pp. 100-113, linhas 01 a 313¹), do tipo D2 (diálogo entre dois informantes²), que faz parte do arquivo do Projeto NURC/SP, publicado em 1987, em *A Linguagem*

Falada Culta na Cidade de São Paulo, volume II, cujos organizadores são A. T. de Castilho e D. Preti.

A análise do *corpus* se pautará na visão bakhtiniana de texto, que pontua a natureza dialógica da linguagem e o caráter polifônico dos enunciados. Um ponto de vista que, a partir de uma concepção ideológica de signo, aponta para uma *teoria do texto* que se prende ao terreno das relações sociais e tem como pedra angular a idéia de *interação*.

1. Interação

O conceito bakhtiniano de linguagem tem como epicentro a noção de interação. É a partir da relação entre sujeito e mundo que se pode compreender a linguagem enquanto revelação de uma consciência plural, tecida ao longo da história e produto das inter-relações sociais. À idéia do discurso adâmico opõe-se a do heterogêneo, a daquele que fala e é falado por outros discursos. O discurso é visto, pois, como um produto do interdiscurso, um palco onde se entrecruzam várias vozes sociais.

A comunicação, sob essa perspectiva, é concebida como um diálogo, cujos enunciados são elos de uma cadeia verbal ininterrupta. A palavra é, para o locutor, palavra de ninguém, enquanto forma do sistema da língua; palavra de outrem, ressoadora de outros discursos; e sua palavra, exteriorização de uma expressividade individual. Nos dois últimos casos, ela traduz os valores do homem, cosidos no território do social. O locutor, dessa forma, ao enunciar-se, assume uma atitude responsiva ativa, seu discurso é simultaneamente retrospecto e prospecto - recupera e presume outros discursos, elaborando-se na esfera do *já-dito* e do *previsto*.

Contexto concreto de comunicação e auditório determinam, portanto, a expressão do discurso e a enunciação individual revela-se outrossim como um fenômeno sociológico, produto da interação entre histórias sociais. Logo, a concepção monológica da linguagem é uma abstração científica na qual se perde a verdadeira natureza da comunicação verbal, posto que “*a experiência verbal individual do homem toma forma e evolui sob o efeito da interação contínua e permanente com os enunciados individuais do outro. É uma experiência que se pode, em certa medida, definir como processo de assimilação, mais ou menos criativo, das palavras do outro*” (Bakhtin, 1992:313-314).

2. A conversação

A conversação apresenta como característica, dentre outras, a presença física dos interlocutores e a simultaneidade entre planejamento e produção das falas, o que faz com que o texto conversacional, tecido no momento da interação, ponha a descoberto o seu próprio processo de elaboração, seja “*o seu próprio rascunho*” (Koch, 1995:69). A conversação é, nesse sentido, uma atividade de “*co-produção discursiva*” (Marcuschi, 1986:84), cujos participantes co-operam a produção textual. E o texto oral, produto desta interação, revela-se como um fazer conjunto de *sujeitos imediatos*, os interlocutores propriamente ditos, e *sujeitos mediatos*, aqueles cujas vozes ressoam opaca ou nitidamente no interior dos enunciados.

Como forma interativa por excelência na qual situação de enunciação e texto *coocorrem* e condicionam-se

mutuamente, a conversação organiza-se fundamentalmente em função do “*horizonte espacial comum dos interlocutores, conhecimento e apreensão comum da situação e avaliação comum da situação*” (Volochinov, apud I. Machado, 1995:40), elementos decisivos na negociação e construção dos sentidos. Essa interação entre texto e contexto manifesta-se lingüisticamente pelas estratégias discursivas utilizadas pelos informantes, sujeitos socialmente estruturados e portadores de valores e cosmovisões próprios dos segmentos sociais dos quais são parte.

3. A pluralidade do um

A conversação, objeto desta análise, caracteriza-se sobretudo pelo conflito declarado entre o eu e o outro; um conflito muitas vezes contornado por meio de estratégias de polidez positiva³, cuja função é reafirmar e manter as relações sociais entre os interlocutores. Ela configura-se, na realidade, como uma verdadeira contenda verbal na qual os locutores lutam para construir uma imagem extremamente favorável de si, uma imagem que seja reconhecida e aprovada por todos os envolvidos no processo (interlocutores e pesquisadores).

No início do fragmento, a documentadora apresenta o tópico discursivo (transportes e viagens) sem, no entanto, endereçar o turno a nenhum dos dois informantes. L₁ *sai na frente* e discorre sobre o assunto proposto. Mister que se diga que, todas as vezes em que não há um endereçamento explícito do turno, L₁ apresenta-se sempre como dono do turno. Essas observações ressentem-se, entretanto, da falta de registro, nas transcrições, dos

recursos paralingüísticos, sinalizadores, por exemplo, da delegação/tomada de turno (gestos, expressão facial, olhar, etc.).

Desde o início do texto, L₁ começa a delinear-se como o protótipo representante de um segmento social bastante diferenciado: indivíduo extremamente atarefado, cheio de compromissos, cuja profissão lhe exige abnegação e responsabilidade. Os ritmos e estilos de vida já começam aqui a se definir como antagônicos. L₁ enfatiza, com orgulho, o seu estilo de vida, que ele crê, desde o começo da interação, bastante diferente do de seu interlocutor. Ressalte-se, ainda, a importância que ele atribui ao seu trabalho, e, indiretamente, a sua pessoa, quando sublinha a dicotomia trabalho vs. lazer.

06 L1 principalmente como autor de livro didático
... tenho
a responsabilidade e até a incumbência de::
... dar
cursos ... promovidos pelas minhas editoras
... e nessas

.....
11 assim . . . em termos tuRÍsticos eu viajo
muito raramente ...
até porque ... essa obrigatoriedade de uma
viagem
sistemática quase todo ... janeiro ... em
termos de::
comproMIssos com as editoras ... tira::
disponibilidade

.....
39 L2 não eu viajo sempre de automóvel ... porque
são seis

.....
46 sair andando por aí é muito bom ... tenho
viajado

SEMpre de automóvel ... ((ruídos))
98 L1 comigo é o contrário eu ... talvez até por
um certo

Este sujeito plural, escondido sob o véu diáfano da linguagem, é denunciado, no mais das vezes, pelas preferências e postura dos protagonistas em relação à vida. Todos os dois locutores ligam suas preferências às contingências de suas vidas. L₂ prefere o automóvel em função da família numerosa; L₁ diz preferir o avião dadas as exigências de sua profissão. Estabelece-se, no diálogo, uma relação metafórica entre os locutores e os tipos de viagens e meios de transporte: as vantagens e desvantagens apontadas por eles denunciam as perspectivas sob as quais eles vêem o mundo.

Não raro os interactantes se valem de elementos restritivos e de prefácios, cujo objetivo é preservar-lhes a face (atenuam a discordância) e desfazer, por antecipação, qualquer imagem desfavorável que possa advir do enunciado (geralmente introduzido pelo operador argumentativo⁴ *mas*) ao qual manifestam maior adesão.

50 L1 nessas condições só ter sido de avião
realmente ...

.....
53 madrugada ... de maneira que o avião acaba
 sendo o meio
 de transporte ... único possível nas atuais
 circunstâncias
 mas também o preferido por mim ... eu
realmente ... talvez

.....
82 L2 já ... viajei de avião há dez anos atrás eu
 trabalhava com
 um jornal e:: ... não era professor ... então
minha atividade era ... mais diversificada ... então
viajei bastante de avião ... andei MUIto também
por aí afora de
 avião ... e:: ... mas não gostava assim como
... parece que

.....
182 L1 eu sou um indivíduo:: muito desprendido
...assim.. de bens ... materiais ... por uma questão de
 natureza ...
 realmente me importo muito pouco com
aquilo que::
 tenho ... mas eu considero o automóvel ...
face às

Esta preocupação com a auto-imagem é feita ora de maneira polida, por meio de marcadores que atenuam a força ilocucionária⁵ do ato de fala e, conseqüentemente, a impositividade das asserções, ora de maneira pouco polida, numa clara ameaça à face do interlocutor.

90 L2 avião ... e:: ... mas não gostava assim como ...

parece que
o C. gosta né C.? quer dizer minhas viagens de avião eram mesmo por negócio ... estritamente ... quando eu podia fazer uma viagem de automóvel ou por outro meio eu prefiro/ ... sempre dei preferência ... talvez:: há dez anos atrás os aviões não tinham o conforto de hoje ... e eu tive

.....
128 L1 pela região ... e o de exótico é que acredito
que poucas
peessoas tiveram o privilégio que eu tive de
dar uma palestra
a oito mil metros de altitude...

Ambos os informantes fazem uso de uma linguagem bem cuidada, condicionada pelo fato de saberem estar sendo gravados, e tida, no contínuo da fala, como formal. Recorrem, com frequência, a termos e enunciados de outros discursos (vocabulário técnico, referência a certos comportamentos e a determinadas atitudes, clichês do senso comum, etc.), com os quais concordam e/ou

discordam, criando, dessa forma, efeitos de sentido de vivência e individualização.

93 L2 um.. Viscount da VASP até por sinal ...
pegamos um
desses:: ... CB que eles chamam né? e o
avião quase caiu

.....
105 segurança ... nunca tive aquela tão ...
característica
posição do indivíduo que desce e beija a
terra agradecido

.....
205 educado ... aquilo que marca realmente são
as experiências
negativas ... mas quando me vejo privado do
automóvel

.....
174 L2 saudade imensa ... o tempo que era jovem ...
porque

177 L1 (você devia dizer) “no tempo que era
MAIS jovem” ...

.....
120 Companhia ... e ... a/aquilo que professor
sabe fazer
ahn ... única e exclusivamente é dar aula ...
então ele

Ainda no que tange à imagem dos sujeitos falantes, constata-se que L₁ é muito mais eloqüente e prolixo, fazendo, algumas vezes, referência clara ao discurso de outrem, com o objetivo de dar credibilidade e relevo aos fatos que narra. Em alguns momentos, no afã de se mostrar um homem seguro de si e conhecedor de causa, inicia seu turno com assertivas categóricas, mas modaliza-as a seguir, diminuindo seu comprometimento com o dito. Nesse sentido, ele apresenta-se como um sujeito que sofre transformações contínuas: primeiro ele *sabe*, depois *quer crer*, e finalmente *supõe*, momento em que retoma sua tese, apoiada em vozes que parecem autorizá-lo. Esse jogo verbal permite ao locutor convencer o outro e refratar as possíveis objeções.

62 L1 bom ... o atendimento é diretamente proporcional à extensão do ... do vôo... e naturalmente o preço da passagem ... ahn eu quero crer que uma viagem São Paulo

.....
74 difícil ... de maneira que eu suponho ... que nesta proporção e mesmo em contato com outras pessoas que tiveram viagens internacionais que:: à medida que a distância vai aumentando vai naturalmente aumentando

A análise do texto permite que se descubram os valores que estão sendo postos em jogo, pondo a nu a ideologia do grupo social a que pertencem os informantes. L₁ indentifica os transportes coletivos com *transportes para animais*, diz *não se envergonhar de ter que se humilhar*, fala de uma certa *condição de nobreza, de uma angústia de se ver logo desincumbido daquela tarefa* (andar de ônibus) e utiliza, comumente, vocábulos, tais como, *horrível* e *detestável* em referência aos transportes mais populares. Toda essa seleção vocabular, bastante expressiva, denuncia um sujeito nitidamente em confronto com o popular. Já para L₂, que até há bem pouco tempo não podia prescindir desses transportes, eles são-lhe, quando muito, *meio desagradáveis e desconfortáveis*, um *sacrifício* compensado pelo tempo de leitura de que se pode dispor durante o percurso.

Na verdade, L₁ e L₂ têm consciência do embate verbal e ideológico que travam, tanto é que, em dado momento, L₁ diz “é ... acho que até que enfim nós encontramos um ponto em comum”, “acho ... integralmente válido isso que o R. falou”. E o embate continua até a última cartada, que é dada por L₂: fazendo-se porta-voz de um discurso saudosista, ele refuta peremptoriamente o de seu interlocutor. As hesitações e as repetições são um prenúncio da contundência do que está por vir; os marcadores de opinião, uma forma de atenuar essa contundência e uma estratégia de polidez positiva; as paráfrases e as ênfases, um afunilamento das possibilidades interpretativas; e o marcador “entende?”, uma maneira de orientar argumentativamente o discurso em favor de suas verdades.

301 L2 apenas eu gostaria de ... de ... de ... de situar
 o seguinte ... eu
 hoje tenho a impressão que o homem moderno
 perdeu
 muito ... assim o sabor ... de aproveitar uma
 viagem
entende? eu acho que ... quando a gente
 pode pegar uma
 305 bicicleta por exemplo e sair andando de
bicicleta ou um
 cavalo ... entende? ou mesmo a PÉ ...
entende? tudo isso
 dá um sabor de paisagem ... um sabor assim
humano
MUIto maior do que esses transportes de
 alta velocidade
 ...mesmo com trem numa certa situação de
 dizer..
 310 então ... eu tenho a impressão que o homem
 se
 desumaniza um pouco por perder assim esse
 tipo de de
 viagem mais lenta ... mais saborosa ... mais
 aproveitada
entende?

L₂ dispara seu *tiro de misericórdia* de longe, colocando-se na posição de observador do homem e do mundo, e ressoam, em seu discurso, as vozes de um passado perdido na corrida frenética do dia-a-dia.

3. Considerações finais

A análise do texto oral demonstrou que o discurso é alinhavado clara ou sutilmente por vozes, com as quais ele polemiza, concorda e em função das quais se elabora.

No fragmento de conversação, pôde-se observar que o sujeito falante, na tentativa de se delimitar em relação ao seu interlocutor, atualiza palavras outras que denunciam seu modo de ver e viver o mundo.

Destacou-se a interdependência entre texto e contexto e a interação como espaço de *significação* do discurso, que se constrói numa relação incessante com o outro e com o mundo. Compreende-se, nesse sentido, a preocupação dos interlocutores com sua *imagem-linguagem*: eles sabiam que estavam sendo gravados e que aquela gravação, posteriormente, seria objeto de estudo de pesquisadores.

Finalmente, pontuou-se, com relevo, a produção do texto como um fazer conjunto de interlocutores que se entrecruzam na malha do discurso - um mosaico dialógico e polifônico em que o homem se constitui.

NOTAS

1 Fez-se um recorte no inquérito em função das especificidades do tipo de trabalho desenvolvido. Ressalta-se, contudo, que todo o inquérito, a exemplo deste fragmento sob análise, é entrecortado por vozes que se cruzam na malha do discurso.

2 Os protagonistas do diálogo são dois homens, paulistanos, casados, pertencentes à segunda faixa etária (36 a 55 anos). O locutor 1 (L₁), 37 anos, é professor. O locutor 2 (L₂), 40 anos, é advogado e professor. Há ainda a

presença de uma documentadora, encarregada de orientar a conversação para os diferentes tópicos do inquérito. Neste fragmento, os locutores discorrem sobre transportes e viagens.

3 O indivíduo, segundo Brown & Levinson (1987), tem duas necessidades básicas: o desejo de ver sua imagem pública e vontades reconhecidas e aprovadas pelo outro (*face positiva*) assim como o desejo de não ter suas ações impedidas (*face negativa*). Movido por esses dois desejos, ele recorre a certos procedimentos lingüísticos que fazem reparos à face positiva e/ou negativa (estratégias de polidez positiva e/ou negativa).

4 Os operadores argumentativos “têm por função indicar (“mostrar”) a força argumentativa dos enunciados, a direção (sentido) para o qual apontam” (Koch, 1995:30).

5 Os marcadores de atenuação referem-se a um leque de opções lingüísticas (formas de distanciamento, marcadores conversacionais, marcas indicadoras de reformulação, enunciados com certo grau de imprecisão ou incerteza, etc.) cuja função é abrandar os efeitos (força ilocucionária) indesejados de um ato de fala.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAKHTIN, M. (1992). Estética da criação verbal. Trad. M. E. G. G. Pereira. São Paulo, Fontes.
- BROWN, P. & LEVINSON, S. C. (1987). Politeness: some universals in language usage. Cambridge, Cambridge University Press.
- CASTILHO, A. T. & D. PRETI (orgs.) (1987). A linguagem falada culta na cidade de São Paulo. São Paulo, T. A. Queiroz/FAPESP, vol. II.

- KOCH, I. V. (1995). A inter-ação pela linguagem. São Paulo, Contexto.
- MACHADO, I. A. (1995). O romance e a voz. Rio de Janeiro, Imago, São Paulo, FAPESP.
- MARCUSCHI, L. A. (1986). Análise da conversação. São Paulo, Ática.